

**A LEMBRANÇA E OS SENTIDOS
NA CRÓNICA DOS FEITOS NOTÁVEIS QUE SE
PASSARAM NA CONQUISTA DE GUINÉ POR
MANDADO DO INFANTE D. HENRIQUE**

Sara da Silva Ribeiro¹

1. Introdução

A presente proposta tem como temática o estudo da história dos sentidos na *Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista da Guiné por mandado do Infante D. Henrique* de Gomes Eanes de Zurara. Em particular, procura-se refletir, com base no discurso cronístico, acerca da construção da memória através dos sentidos na dita obra.

A escolha deste tema partiu de um trabalho redigido em junho de 2024, no qual se propôs pensar sobre a função dos sentidos como agentes produtores de memória na lírica trovadoresca. Nesse texto, foram analisadas quatro cantigas de amor da autoria de D. Dinis² e, a partir delas, concluiu-se que os sentidos desempenham um papel ativo e crucial na recordação do momento em que o trovador conhece a sua *Senhor* e na origem da consequente coita de amor. Assim, na busca pela expansão da abordagem sensorial a outras obras, as crónicas foram o objeto selecionado como fonte primária da pesquisa.

No panorama internacional da história dos sentidos assiste-se a uma atenção dada a fontes de carácter religioso ou espiritual, desde a análise de textos e ritos litúrgicos à iconografia de códices religiosos. A título de exemplo, pode-se olhar a obra de Constance Classen sobre a ligação dos sentidos, principalmente a visão, com visões espirituais sensitivas em várias épocas

1 Mestranda em Estudos Medievais, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica s/n, 4150-564, Porto, Portugal. email: saraelisabeteibeiro@gmail.com.

2 Foram estas: *Em grave dia, senhor, que vos oí; Nunca Deus fez tal coita qual eu hei; Que soi-dade de mia senhor hei; A mia senhor que eu por mal de mi.*

históricas³. Desta forma, à semelhança dos trabalhos já produzidos pelo Grupo de Investigación y Estudios Medievales de la Universidad Nacional de Mar del Plata, aspira-se trabalhar sobre as marcas sensoriais em fontes associadas a um ambiente mais laico, categoria na qual se enquadram as crónicas. Os trabalhos deste grupo têm-se focado, sobretudo, nas paisagens sonoras; esta pesquisa, no entanto, focar-se-á nos cinco sentidos clássicos (visão, audição, paladar, olfato e tato).

As crónicas são entendidas como representações das realidades em que se inscrevem. Já os sentidos, para além de uma dotação corporal, são um dos elementos pelos quais as pessoas percebem o mundo⁴. Assim, aplicar a história dos sentidos a uma crónica permite uma nova interpretação da realidade arquitetada por Zurara, na qual se refletem as conceções e imaginários das culturas. Como diz Gisela Coronado Schwindt «sensación se constituye en un elemento cultural por el cual se difunden los valores y prácticas de una sociedad y se estructuran los roles sociales que se desepeñan los sujetos»⁵.

A *Crónica dos Feitos Notáveis da Guiné*, o objeto de estudo, delimita a cronologia da investigação, o século XV. Segundo Miguel Aguiar, citando outros autores, terá sido redigida entre 1452 e 1453, mas terá sofrido alterações até cerca de 1464⁶. Esta posição relativamente à cronologia é defendida por Torquato de Sousa Soares, quando este confronta as datas de uma carta transcrita de Zurara endereçada ao rei Afonso V, mecenas da obra, incorporada no manuscrito⁷ que analisa. O autor afirma, ainda, que algumas citações do texto mostram modificações a um texto inicial. Além disso, deve-se também considerar a cronologia da própria narrativa, uma vez que esta relata as expedições portuguesas ao longo da costa africana desde 1434 a 1448. Porém, este espaço cronológico, apesar de linear, não se limita a uma sequência de factos, mas a uma edificação montada pelo autor através seu discurso de cunho ideológico e político. Esta questão será abordada mais adiante.

3 C. Classen, *The Color of Angels: Cosmology, Gender and the Aesthetic Imagination*, London: Routledge, 1998.

4 D. Howes (ed.), *The Varieties of Sensory Experience*, Toronto: University of Toronto Press, 1991.

5 G. Coronado Schwindt, «Los estudios sensoriales y la Edad Media: planteos historiográficos, desafíos y proyecciones», *Revista de historiografía* 34 (2020) 277-298, cf. p. 286.

6 M. Aguiar, «As crónicas de Zurara: a corte, a aristocracia e a ideologia cavaleiresca em Portugal no século XV», *Medievalista* 23 (2018). DOI: <https://doi.org/10.4000/medievalista.1580>

7 Paris, Bibliothèque nationale de France, Département des Manuscrits, Portugais 41.

Explicados o tema e cronologia, apresenta-se agora a crónica. Primeiro, é de evidenciar as razões que levaram à seleção desta crónica. A obra cronística de Gomes Eanes de Zurara consiste num legado de quatro textos, são estes: a *Crónica da Tomada de Ceuta*, a *Crónica de D. Pedro de Meneses*, a *Crónica de D. Duarte de Meneses* e a *Crónica dos Feitos da Guiné*. As três primeiras formam uma trilogia do Magrebe⁸, ou seja, narram os acontecimentos vividos pelos portugueses nesse espaço. Para além disto, contém um carácter híbrido de relato dos cercos e biografias de fidalgos⁹. Assim, entendeu-se que estas três crónicas deveriam ser estudadas em conjunto e não separadamente, um projeto cujo tempo disponível não seria suficiente. Deste modo, a crónica selecionada pareceu a mais adequada, uma vez que também faz parte da missão do autor de contar a nova fase da história do reino, a expansão marítima, e de construir um plano continuo no que toca à redação da crónica geral do reino (que seria apenas redigida pelo seu sucessor, Rui de Pina)¹⁰. Também, por apesar de não tratar biografias, ser, assim como as outras, um «espelho de nobres»¹¹. As crónicas de Rui de Pina também foram consideradas, no entanto, estas apresentam alguns problemas de edição e, em consequência, não haveria tempo para que se realizasse, ao mesmo tempo, uma edição crítica e um estudo sensorial sobre estas.

Sobre os objetivos desta proposta de investigação, este estudo visa compreender o lugar que os sentidos ocupam nos diferentes espaços da narrativa que engrandecem a memória da Casa de Avis, são estes: o espaço cristão, o espaço muçulmano, o espaço guineense e o mar. A viagem nesta narrativa é um circuito cílico Portugal/África/Portugal e terra/água/terra. É o acesso do «estado de temor à maturação das personagens»¹², assim esse espaço é

8 Esta decisão de entender as três crónicas como uma trilogia é uma posição assumida por Miguel Aguiar e Larry King. Sem embargo, esta definição não é consensual entre os autores, uma vez que outros identificam essa trilogia nas crónicas de *D. Duarte*, *D. Pedro* e da *Guiné*, colocando a *Tomada de Ceuta* num plano distinto e não a da *Guiné*.

9 M. Aguiar, «As crónicas de Zurara...», cit., p. 3.

10 M. Aguiar, «As crónicas de Zurara...», cit., p. 3.

11 A. Bertoli, *O Cronista e o Cruzado: A Revivescência do Ideal da Cavalaria no Outono da Idade Média Portuguesa* (Século XV) (dissertação de mestrado), Universidade Federal do Paraná, 2009, p. 39.

12 A. Figueiredo, «Viagem, cavalaria e conquista na Crónica de Guiné de Gomes Eanes de Zurara» in A.S. Laranjinha — J.C. Miranda (eds.), *Modelo: Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, Porto: Faculdade de Letras, 2005, pp. 25-33.

um local de provação das personagens que procuram a honra por não ser o lugar típico cavaleiresco. Para além disto, segundo Jerry Santos Guimarães, há uma hierarquização entre os muçulmanos e os negros descritos na crónica. Esta hierarquização é feita pela descrição do espaço das comunidades e dos seus traços psicológicos. O espaço muçulmano seria o *locus horrendus*, que devido às condições difíceis do local tornava a vitória portuguesa mais difícil e louvável (pela conjunção territorial adversa). Já o território dos negros da Guiné, por ser apresentado como uma terra fértil (*locus amoenus*) tinha homens fortes, mas que os portugueses conseguiram derrotar. Esta retórica empregada pelo cronista beneficiava a imagem criada dos portugueses, pois apesar de combater contra inimigos e em espaços difíceis, mantiveram-se sempre corajosos, fiéis e triunfantes¹³. Deste modo, poderá ser interessante refletir sobre a dinâmica sensorial nos quatro espaços, já que representam diferentes etapas do esforço pessoal em prol do serviço ao rei e a Deus. O estudo pretende, também, entender a relação entre os sentidos e as interações entre personagens. Por exemplo, o autor foi um homem da Casa do Infante D. Henrique, este aspeto pode influenciar a imagem criada dele na crónica e pode ter relevância para o modo como os sentidos são encenados no seu contacto com outros personagens e na sua caracterização. Também, identificar em que momentos as marcas sensoriais são usadas e a qual sentido Zurara mais recorre no seu discurso, uma vez que isso pode revelar a conceção individual que o autor tem sobre os sentidos e quais os seus objetivos. Conceção essa construída pela comunidade, uma vez que a operação dos sentidos é determinada culturalmente¹⁴. Igualmente, porque no projeto propagandístico da crónica quaisquer meios retóricos que conferissem credibilidade ao relato eram essenciais, o que poderá incluir o vocabulário sensorial. Por fim, perceber se os sentidos desempenham uma função ativa na recordação dos feitos dos portugueses; em especial os personagens de maior destaque narrativo, visto que a menção destes homens na crónica significava a materialização da sua memória e da sua honra (que seria também a honra da sua linhagem). Assim, as questões-problema deste estudo são as seguintes:

13 J.S. Guimarães, *Memória e Retórica: “Mouros” e “Negros” na Crônica da Guiné (Século XV)*, (dissertação de mestrado), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2012, cit., p. 19.

14 D. Howes (ed.), *The Varieties of Sensory Experience*, cit.

- 1) Verifica-se uma hierarquia dos sentidos?
- 2) Durante o discurso de Zurara, os sentidos exercem um papel ativo na construção da memória?
- 3) Constata-se uma relação entre os sentidos e a caracterização dos personagens e da sua memória?

Após a exposição das escolhas, objetivos e questões, nas páginas seguintes desenvolve-se a apresentação da crónica, o estado da arte, a metodologia e a discussão de alguns exemplos de passagens sensoriais já recolhidas.

1.1 Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista de Guiné por mandado do Infante D. Henrique – contexto histórico

Antes de abordar a questão dos manuscritos e edições disponíveis da crónica, deve-se enquadrar historicamente a produção da obra. Efetivamente, em 1385, surgiu uma nova dinastia, a de Avis, encabeçada por D. João I. Tanto este monarca como os seus sucessores, procuraram criar uma identidade nacional e unificar todos os grupos sociais. Esta união resultaria na imagem de uma realeza unida ao povo, à classe mais baixa, na qual o rei era o cânone de comportamento e de virtudes. Por conseguinte, originou-se o que Vânia Fróes chamou «discurso do paço»¹⁵, um discurso de legitimação e afirmação da nova dinastia.

É neste contexto propagandístico que surgem diversas obras fruto do mecenato e de autoria dos primeiros monarcas e príncipes da dinastia de Avis. Entre essas obras estão as crónicas. Fernão Lopes foi o primeiro cronista-mor do reino e teve a missão de afirmar a diferença entre as dinastias de Avis e Afonsina e, ao mesmo tempo, assegurar a continuidade histórica entre elas. Ou seja, consolidar uma origem e passado comuns aos portugueses, a comunidade¹⁶, para assim legitimar o reinado de D. João I. O sucessor de Lopes foi Gomes Eanes de Zurara, tanto no cargo de cronista-mor como no de guarda-mor da Torre do Tombo. Não obstante, as crónicas do segundo foram encomendadas por D. Afonso V, um rei com um projeto expansionista em África. O monarca utilizou

15 V. Fróes (1993), *apud* M.C. Coser, «A dinastia de Avis e a construção da memória do reino português: uma análise das crônicas oficiais.» *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas* 10.18 (2007) 703-731. URL: <https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/779>, cit., p. 708.

16 M.C. Coser, «A dinastia de Avis e a construção da memória do reino português...», cit.

estes textos como um dos elementos de propaganda ao seu projeto e como um meio de manipulação das estruturas da aristocracia portuguesa da época. Ao contrário do seu antecessor, Zurara não escreve sobre as classes mais baixas, mas sim, a respeito e para o ambiente cortesão¹⁷. Já que «Sendo o novo rei do “partido da guerra”, o tom do discurso zurariano deveria ser esse, e não outro: a história dos cristãos do reino português tramada como uma cruzada contra os infiéis»¹⁸, pois quem auxiliava na guerra eram os aristocratas. Por isso, os temas das crónicas deste têm um enfoque na guerra, na ideologia cavaleiresca e nas anexações de territórios em África. Tratava-se de um texto que se dirigia a um público específico, que conhecia aquela realidade e conseguia identificar-se com o que era escrito e, consequentemente, criava uma relação íntima com este (o seu conteúdo seria o que um aristocrata deveria almejar para si). Isto é algo crucial para a relembrança de um evento, pois recordar algum acontecimento é representá-lo, essa representação pode ocorrer através de frases e não somente por meio de um desenho ou foto interna como é argumentado por Aristóteles¹⁹. Para Ludwig Wittgenstein uma frase com senso («sense») também é uma imagem da realidade, se se entende a frase, entende-se a realidade²⁰. Através das palavras, Zurara constrói uma realidade compreendida por quem as ouve, essa realidade é uma representação da memória do evento.

Deste modo, os seus textos são *topos historia magistra vitae*²¹, ou seja, contêm uma função pedagógica e pragmática. Algo que André Bertoli, com fundamento em outros autores, categorizou como «espelhos de nobres»²², no fundo, o discurso de Zurara visava ensinar sobre as virtudes e expectativas que existem de um nobre exemplar. O leitor ou ouvinte poderia aprender com os erros do passado e seguir os bons exemplos mencionados nos episódios. Esses acertos dos personagens eram sempre baseados no serviço a Deus, fidelidade e esforço em nome da Coroa, motivado pela honra, fortaleza e prudência (as virtudes de um bom homem). Vale também reforçar, que a corte não se fazia apenas da alta aristocracia, mas também de membros do clero ou da baixa aristocracia que pretendiam subir na escala social e, a partir da crónica, saberiam como.

17 M. Aguiar, «As crónicas de Zurara...», cit.

18 J.S. Guimarães, *Memória e Retórica: “Mouros” e “Negros”*, cit., p. 168.

19 R. Sorabji, *Aristotle on Memory*, Providence, Rhode Island: Brown University Press, 1972, p. 2.

20 L. Wittgenstein, apud N. Malcom, *Memory and Mind*, London: Cornell University Press, 1977, p. 133.

21 J.S. Guimarães, *Memória e Retórica: “Mouros” e “Negros”*, cit., p. 21.

22 A. Bertoli, *O Cronista e o Cruzado*, cit., p. 68.

Deste modo, D. Afonso V recorreu às crónicas como recompensa pelo serviço prestado e como meio de persuasão dos aristocratas para que combatessem em África²³. Esta persuasão estendeu-se ao estrangeiro, uma vez que o monarca mandou traduzir as crónicas²⁴ para serem lidas em cortes internacionais e a visitantes na corte portuguesa, como propaganda dos feitos que ocorriam a seu mando – de igual forma, acabava por atrair homens estrangeiros que procuravam honra e a poderiam obter em África.

Então, foi ao serviço da construção da memória dinástica que o autor escreveu «uma história retoricamente regada»²⁵. Esta memória é, como afirmado anteriormente, institucionalizada, ou seja, louva os feitos do rei e dos seus vasalos. Para isso, existe uma seleção de certas lembranças e, consequentemente, o esquecimento de outras. A convocação do evento acontecido é feita por uma eleição que permite que o presente fabrique a sua história e identidade em função das necessidades e ambições do presente²⁶. Esquecer os seus inimigos ou opositores, é rebaixá-los e silenciar a sua existência, algo imprescindível para criar uma ideia de uma comunidade, ou nação, se já lhe pudermos chamar assim, vitoriosa. Veja-se o exemplo de D. Pedro, tio de Dom Afonso V e regente do reino durante a menoridade deste rei: não tendo assumido como prioridade a expansão no norte de África²⁷, e tendo-se tornado opositor do seu sobrinho, acabou por vir a ser esquecido nestas narrativas. No entanto, o Infante D. Henrique, outro tio de D. Afonso V, que por sua vez apoiou o sobrinho, é lembrado e utilizado como um modelo de comportamento na *Crónica dos Feitos da Guiné*. É, aliás, a personagem principal da crónica. Assim, por intermédio da memória e do esquecimento, a história que Zurara escreveu, orientado pelo rei e pela aristocracia, tem em vista consolidar uma identidade que os segundos escolheram para si relativamente aos seus adversários e às suas ambições²⁸. A *metamemória*,

23 M. Aguiar, «As crónicas de Zurara...», cit.

24 A tradução das crónicas para latim foi um meio de exaltação da força e da glória portuguesas ao serviço de Deus no ambiente internacional. Ou seja, visava demonstrar às demais cortes da Cristandade os feitos corajosos e bem-sucedidos em África, fruto das motivações cruzadísticas (cumpridas) que impulsionaram a expansão portuguesa.

25 J.S. Guimarães, *Memória e Retórica: "Mouros" e "Negros"*, cit., p. 20.

26 F. Catroga, *Memória, História e Historiografia*, Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

27 J.S. Guimarães, «Danação e redenção da memória do infante D. Pedro nas crônicas de Gomes Eanes de Zurara», *Revista de História* 180 (2021) 1-36. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2021.170150>

28 J.S. Guimarães, *Memória e Retórica: "Mouros" e "Negros"*, cit.

que é o conceito que define as representações que o indivíduo faz daquilo que viveu, encontra-se sempre limitada ao contexto onde é representada²⁹.

1.2 Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista de Guiné por mandado do Infante D. Henrique – a fonte

A edição crítica selecionada para a pesquisa foi, como referido anteriormente, a de Torquato de Sousa de Soares. Nesta, o autor transcreve o manuscrito Portugais 41, conservado na Bibliothèque nationale de France. No entanto, há mais três manuscritos disponíveis desta crónica.

Os quatro manuscritos estão localizados em Paris (um), em Munique (dois, de épocas diferentes) e, por último, em Madrid (um). O primeiro encontrado foi apelidado manuscrito de Paris, e este é o documento mais antigo, assim como o mais completo. Foi descoberto em 1837 por Ferdinand Denis, hoje pertencente à coleção da Bibliothèque nationale de France³⁰. Relativamente aos manuscritos de Munique, um foi encontrado em 1847, mas o seu texto inclui apenas um resumo do manuscrito de Paris, redigido por Valentim Fernandes em 1506³¹. Sobre este, Torquato de Sousa Soares afirma que poderá ser uma cópia dos documentos que João de Barros referiu na obra *Década I da Ásia* (Livro II)³². O outro manuscrito também é uma cópia do parisiense, mas a sua produção foi posterior (século XVIII). Por fim, o manuscrito de Madrid possuí uma letra do século XVII, que «reproduz integralmente o da Biblioteca de Paris»³³.

Sobre a jornada do manuscrito de Paris, sabe-se que terá chegado a França através do Duque d'Estrées e acabou por ser guardado na Biblioteca Real³⁴. O Visconde de Santarém declarou que este manuscrito era o mesmo que

29 F. Catroga, *Memória, História e Historiografia*, cit.

30 J.B. de Carvalho, «As edições e as traduções da “Crônica dos feitos da Guiné”». *Revista de História* 30.61 (1965) 181-190.

31 T.S. Soares, «Introdução», in Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista de Guiné por mandado do Infante D. Henrique*, vol. I, Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1978, pp. 363-417; J.B. de Carvalho, «As edições e traduções...», cit.

32 T.S. Soares, «Introdução...», cit., p. 364.

33 *Ibidem*, p. 364.

34 *Ibidem*, p. 365.

Fr. Luís de Sousa vira em Valência. No entanto, Torquato de Sousa rejeita, em parte, esta tese, pois defende haver uma substituição de símbolos no mesmo corpo de empresa. O códice de Valência teria uma página com pirâmides do Egito ornamentadas sem decoração vegetalista, enquanto o de Paris teria uma decoração vegetalista³⁵.

Na sequência da transcrição da carta do cronista a D. Afonso V e do índice de capítulos, o códice de Paris incluiu um retrato do Infante D. Henrique. Junto dessa representação, na outra página, ilustra-se o seu escudo com uma cruz de cristo. Relativamente às suas características físicas, o códice tem 161 fólios de pergaminho velino e cerca de 320x230 mm de dimensões. Pelo seu tipo de letra, Torquato de Sousa defende ser um códice da segunda metade do século XV³⁶.

No que diz respeito às edições, os diferentes autores atribuíram diversos títulos à crónica. Torquato de Sousa afirma que o nome do Infante deve constar no título, pois a narrativa trata dos feitos que foram ordenados por ele, defendendo que o título da obra deve ser: «Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista da Guiné por mandado do Infante D. Henrique»³⁷. O autor diz que a versão de Costa Pimpão e de Duarte Leite, «Crónica dos feitos de Guiné», é, por isso, incompleta. Valentim Fernandes deu-lhe o título «Crónica dos feitos que o Infante D. Henrique ordenou no descobrimento de Guiné». Uma das fontes de que Zurara mais se serviu na produção da crónica foi o texto de Afonso de Cerveira (até ao capítulo vinte e oito). O título dessa narrativa de Cerveira poderia incluir uma referência à Guiné, o que fundamenta a necessidade de aludir a essa região no título.

Sobre as edições propriamente ditas, a primeira, de 1841, foi da autoria do Visconde de Santarém, mas encontra-se desatualizada e com alguns erros (faltam palavras). Em 1937, José de Bragança fez uma segunda edição, mas utiliza a edição do Visconde de Santarém e não o manuscrito de Paris diretamente. Bragança fez apenas algumas correções ao trabalho do Visconde de Santarém³⁸. A terceira edição foi feita pela Agência Geral das Colónias e dirigida pelo diretor dessa, em 1949 – Dias Dinis foi quem acabou a edição, uma vez que já tinha publicado um volume sobre a vida e obra de Zurara. A edição selecionada, de Torquato de Sousa Soares, foi publicada em 1978. O autor fez a transcrição em

35 Ibidem, p. 367.

36 Ibidem.

37 Ibidem, p. 370.

38 J.B. de Carvalho, «As edições e as traduções...», cit.

dois volumes, o primeiro com uma ortografia fiel à do manuscrito; o segundo com o texto em português moderno, no qual altera algumas palavras para o termo utilizado atualmente. A título de exemplo, o verbo esguardar é substituído por olhar ou observar.

Resta apenas explicitar uma questão que tem surgido à volta da obra, nomeadamente, se a crónica se trata de um texto só ou se é fruto de uma junção de dois textos. Torquato de Sousa afirma que inicialmente Zurara, por ordem do Infante, pretendia escrever uma estória sobre os feitos da Guiné, mas quando o mecenas falece, D. Afonso V patrocina a produção da crónica que modificou e acrescentou informações ao primeiro texto³⁹.

2. O estado da arte

No ponto anterior foi explicitado o estado da arte relativamente às edições. Agora, passa-se à menção de alguns trabalhos que tiveram a crónica como objeto de estudo.

O Visconde de Santarém, na sequência da publicação da sua edição da crónica, publicou, no mesmo ano, a obra *Memória sobre a Prioridade dos Descobrimentos Portuguezes na Costa d'África Occidental*. Estas publicações foram importantes, uma vez que quando a França reclamava para si territórios da costa ocidental africana e, assim, por intermédio delas, Portugal reivindicava o direito de certos domínios⁴⁰.

No século XX, vários autores dedicaram-se ao estudo desta crónica. Destacam-se a obra *Acerca da “Crónica dos Feitos da Guiné”* de Duarte Leite⁴¹ e o artigo de Joaquim de Carvalho «Sobre a erudição de Gomes Eanes de Zurara (Notas em torno de alguns plágios deste cronista)»⁴². Sobre ideologia na crónica, o texto de Margarida Barradas de Carvalho «L'idéologie religieuse dans la “Crónica dos feitos de Guiné” de Gomes Eanes de Zurara»⁴³.

39 T.S. Soares, «Introdução», cit.

40 L.M. Duarte, «Os Negros da Terra Verde: (guerra e captura de escravos na costa ocidental africana, 1433-1448)», *Revista Histórica da Ideias* 30 (2009) 233-259. DOI: 10.14195/2183-8925_30_14.

41 D. Leite, *Àcerca da Crónica dos feitos da Guiné*, Lisboa: Livraria Bertrand, 1941.

42 J.B. de Carvalho, «Sobre a erudição de Gomes Eanes de Zurara (Notas em torno de alguns plágios deste Cronista)», *Biblos* 25 (1949) 1-160.

43 M.B. de Carvalho. «L'idéologie religieuse dans la “Crónica dos feitos de Guiné” de Gomes Eanes de Zurara», *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal* 19 (1955) 34-63.

Também, indica-se os vários estudos que Costa Pimpão dedicou às crónicas de Zurara.

No século XXI, no âmbito da história militar evidenciam-se os múltiplos trabalhos de Luís Miguel Duarte, em particular o artigo «Os negros da terra verde (guerra e captura de escravos na costa ocidental africana, 1443-1448», no qual o autor propõe repensar a história militar e utiliza esta crónica como fonte primária. Nos estudos sobre memória e retórica evidencia-se a dissertação de mestrado de Jerry Santos Guimarães *Memória e Retórica: “Mouros” e “Negros” na Crônica da Guiné (Século XV)* e o seu artigo «O louvor da escrita da história “remédio para a memória” nas crônicas de Gomes Eanes de Zurara»⁴⁴. O artigo de Miguel Aguiar «As crónicas de Zurara: a corte, a aristocracia e a ideologia cavaleiresca em Portugal no século XV»⁴⁵ analisa a dinâmicas sociais e ideológicas da época. E, por fim, dois trabalhos ligados à representação social dos negros, os trabalhos de Mara Marcelino e Mário Maestri, respetivamente: *A imagem dos “negros da Guiné” no contexto da expansão marítima portuguesa: a crônica de Gomes Eanes de Zurara (1453)*⁴⁶; «A Crônica Guiné e os Primórdios do Racismo Anti-Negro»⁴⁷.

Para uma abordagem de caráter mais generalizado sobre as crónicas e o seu contexto de produção, destaca-se obras como o livro *História da Literatura Portuguesa* de António José Saraiva e Óscar Lopes⁴⁸, o estudo de Joaquim Veríssimo Serrão em *A Historiografia Portuguesa: doutrina e crítica séculos*⁴⁹, e o *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*⁵⁰. Estas obras sublinham a relevância deste género literário na consolidação da narrativa histórica da época e evidenciam de que forma estas construções discursivas articulam o registo histórico e as preocupações políticas e culturais da sua conjuntura.

44 J.S. Guimarães, *Memória e Retórica: “Mouros” e “Negros”*, cit.. J.S. Guimarães — M. Moreira, «O louvor da escrita da história como “remédio para a memória” nas crônicas de Gomes Eanes de Zurara», *Contexto:Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES* 39 (2021) 331-360.

45 M. Aguiar, «As crónicas de Zurara...», cit.

46 M. Marcelino, *A imagem dos “negros da Guiné” no contexto da expansão marítima portuguesa: a crônica de Gomes Eanes de Zurara (1453)*, (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Alfenas, 2020, cit.

47 M. Maestri, «A Crônica Guiné e os Primórdios do Racismo Anti-Negro», in C.P. dos Santos — N. Viana. (Org.), *Capitalismo e questão racial*, Rio de Janeiro: Corifeu, 2009, pp. 50-83.

48 A.J. Saraiva — Ó. Lopes, *História da literatura portuguesa*, Lisboa: Estúdios Cor, 1966.

49 J.V. Serrão, *A historiografia portuguesa: doutrina e crítica séculos*, Lisboa: Verbo, 1972.

50 G. Lanciani et al, *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 1993.

3. Metodologia

De modo a responder às perguntas e objetivos da investigação, já apresentados anteriormente, o foco do levantamento de dados será a recolha de passagens do discurso que contenham marcas sensoriais. Isto é, frases que contenham vocabulário alusivo aos cinco sentidos, como, por exemplo, o verbo «ver», que emprega a visão ou o advérbio ‘docemente’⁵¹, que remete ao paladar. Não obstante, surgiu um problema à medida que este processo se sucedeu. Algumas vezes, surgiram expressões que não tinham um vocábulo que se ligasse diretamente a um sentido, mas uma descrição que, devido ao detalhe com que foi escrita, acaba por fazer essa alusão indiretamente. Por exemplo, quando o autor descreve pormenorizadamente as prendas que o Infante ofereceu aos povos conquistados (capítulo 2), fala nas diferentes cores e no luxo dessas joias e roupas⁵². Ou, numa cena de confronto entre os navegadores portugueses e população nativa, alguém é ferido e Zurara descreve o momento em que essa pessoa é ferida e a arma utilizada⁵³. Estas descrições evocam a visão, através das cores, e o tato quando o dardo perfura a pele e fere o personagem. Deste modo, torna-se possível visualizar o poder e a generosidade do infante, tal como a coragem dos portugueses⁵⁴.

Assim, dividiu-se o levantamento de dados em duas tabelas. Não obstante, numa fase posterior, admite-se que estas poderão ter de se fundir numa só. A primeira tabela, relativa às alusões diretas, contém as seguintes categorias de divisão: passagem, personagem associada, cena, página, classe de palavras,

51 «Veëdosse posto em catiueiro/ no qual como quer que fosse docemente tratado deseiaua seer liure», Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista de Guiné*, cit., p. 77.

52 «porque os veio vestidos da tua deuya/ E as suas carnes que nüca conhecerô vestidura/ trazê agora roupas de desauaryadas collores/ E as gargantas das suas mulheres guarnidas cõ Ioyas de Ricos lauores douro e de prata. E que fez esto senom largueza de tuas despesas e o trabalho de teus servidores/ mouidos per teu virtuoso engenho», Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista de Guiné*, cit., p. 21.

53 «Affonso gottenrez o feryo de huū dardo/ de cuila ferida o mouro recebeo temor e lançou suas armas como cousa vencida.» Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista de Guiné*, cit., p. 64.

54 G. Coronado Schwindt, «Las marcas sensoriales en el discurso cronístico castellano: el caso de la *Crónica del Halconero* de Juan II», in G. Fabián Rodríguez (ed.), *La Edad Media a través de los sentidos*, Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata, 2021, pp. 115-136.

outras observações e, finalmente, sentido⁵⁵. Estas categorias permitem identificar quais os sentidos mais mencionados, bem como as personagens que surgem com maior frequência na encenação sensorial e o respetivo propósito dessa dinâmica narrativa. Na segunda tabela as categorias são todas as mesmas, exceto a ‘classe de palavras’ que foi substituído por ‘objeto’, pois trata-se de descrições e não de uma palavra. No entanto, a escolha desta categoria ainda se encontra em aberto, uma vez que em certas ocasiões um objeto não é suficiente para explicar a marca sensorial. Por exemplo, a paisagem sonora⁵⁶ criada no capítulo da venda de escravos em Lagos: a alusão à audição é feita pela descrição da cena, na qual as pessoas produzem diferentes barulhos que trazem som para a narrativa⁵⁷. Ou seja, a marca sensorial é criada pelas personagens e não por algum instrumento ou apetrecho, tornando esta categoria, porventura, insuficiente para a dimensão da recolha. Para além disto, a crónica encontra-se divida em noventa e sete capítulos, mas entende-se que os dados devem ser olhados globalmente e não de maneira fragmentada, pois esta divisão é algo meramente formal. Importa, de igual forma, realçar que não serão consideradas metáforas para recolha. Ademais, admite-se que, em caso de insuficiência dos dados recolhidos a partir desta crónica, se poderá recorrer a outra obra de Gomes Eanes de Zurara como mais uma fonte para o estudo que pretendemos levar a cabo.

55 Vale a pena fazer uma breve explicação sobre a escolha destas secções da tabela. As categorias de ‘passagem’ e ‘página’ foram selecionadas com o intuito de assegurar a organização dos dados por capítulos e de possibilitar uma comparação mais rigorosa e rápida da linguagem empregada em diferentes momentos da narrativa. As categorias adicionais, como a ‘cena’ e a ‘personagem associada’, permitem identificar mais eficientemente quais as personagens e situações que Zurara privilegia na transposição destas para um ambiente discursivo sensorial. Esta metodologia contribui igualmente para a análise de possíveis padrões na linguagem sensível, particularmente em momentos específicos da narrativa, como confrontos físicos ou interações entre as personagens portuguesas e os muçulmanos ou negros. A inclusão da categoria ‘classe de palavra’ na tabela permite analisar as escolhas lexicais e perceber de que forma estas contribuem para a construção do discurso narrativo e se há uma predominância de uma classe sobre as outras.

56 A paisagem sonora corresponde ao conjunto de sons que compõem um ambiente e que refletem a interação entre o humano, a natureza e o espaço onde estão inseridos. Para uma análise mais detalhada sobre este conceito, recomenda-se a leitura de: G. Coronado Schwindt, «Las marcas sensoriales en el discurso cronístico castellano...», cit.

57 Veja-se: «Outros faziā suas lamétações em maneira de canto/ segundo o costume de sua terra. nas quaaes posto que as pallauras de linguagem aos nossos nō podesse seer entendida bem correspondya ao graao de sua tristeza», Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista de Guiné*, cit., p. 108.

4. Caso prático

A investigação ainda se encontra na fase inicial e, por isso, no momento encontra-se na etapa de levantamento de dados para análise, ou seja, de construção da base de dados. Sem embargo, nos próximos parágrafos apresentar-se-ão alguns exemplos de passagens recolhidas e o que agora se pode retirar delas.

O sentido mais referido, até ao momento, é a visão. No entanto, ela é mencionada de formas diferentes, que têm objetivos distintos. A referência a este sentido centra-se principalmente em dois verbos: ver e mostrar. O verbo «ver» é utilizado quando o autor explicita, por exemplo, os feitos do Infante «Que farey a pobres mendigos que veio áte mym carregados desmollas»⁵⁸; e, dirigindo-se aos opositores do projeto expansionista, diz sobre as expedições feitas por ordem do Infante: «mas quando virã os primeiros mouros e segúdos steuerõ já quanto douidosos de sua primeira tençom a qual de todo teuerõ por errada quando virãa terceira presa que trouxe Nuno Tristam.»⁵⁹. Ou seja, era importante olhar (relembra) para os resultados do trabalho do Infante, pois esses beneficiavam a comunidade. Outro exemplo deste uso do verbo ver é relativamente aos nativos ou muçulmanos. Ao observarem os portugueses, os inimigos sentem não apenas medo, como também percebem o poder e bravura dos cavaleiros. As opções retóricas adotadas na representação dos portugueses, como a mencionada, constituem um meio de engrandecimento dos homens cristãos. Quando uma mulher muçulmana é feita prisioneira, as pessoas da sua aldeia decidem tentar ir buscá-la, mas quando chegam o seguinte acontece: «sobre a qual os do outeiro quiserom acudyr. Mas veêdo os nossos aparelhados de os receber. nō soomête se retraherõ pera onde estauam mas aInda fezerõ vyagẽ pera outra parte voltando as costas aos contrairos»⁶⁰; portanto, ao avistarem os portugueses, os aldeões retraem-se e fogem, nem tentam lutar. Esta passagem é importante na construção de uma imagem de superioridade dos portugueses em relação aos seus adversários. Ao mesmo tempo, mostra o poderio das armas portuguesas e retrata o inimigo através do sentimento de cobardia que o impele à fuga – no fundo, procura igualmente a humilhação do outro, essencial para a criação da identidade vitoriosa e da memória triunfante. Noutro exemplo, diz:

58 Ibidem, cit., p. 22.

59 Ibidem, cit., p. 54.

60 Ibidem, cit., p. 64.

Consiro aquy duas couisas. Diz aquelle que screveo esta estorya. A primeira qual maginaçom serya no pensamēto daqueles homeēs tal nouidade .s. douz moços assy atrevidos de coor e feições tā stranhas a eles. ou que cousa podyā cuidar que os ally trouxera a Alinda en cima de caualos com lanças e spadas que som armas que alguū deles nūca vira⁶¹

Aqui, Zurara, interrompe a narração dos eventos para se perguntar o que se terá despertado nos infiéis quando viram os portugueses com armas e animais que eles nunca teriam visto. Aqui, dá-se quase uma primitivação da sociedade encontrada, que se espanta com tal novidade de aparelhos bélicos e com os jovens de feições diferentes. Assim, através da visão, Zurara consegue louvar e aclamar os bons cristãos portugueses.

Quanto ao verbo «mostrar», este adquire um sentido pragmático e pedagógico, quando o autor enuncia todos os feitos públicos e em nome da religião que o Infante fez. Sem embargo, é um meio retórico usado nos momentos de aconselho ou de exemplaridade de algum personagem. Por exemplo, no capítulo dez, onde se encontra uma descrição de captura dos primeiros cativos, são enviados dois jovens à procura de pessoas para capturar e Zurara escreve o seguinte:

E por darem menos trabalho a ssy e aos cauallos mandou que nom leuassem nhūas armas de defesa. somente suas lanças e spadas pera ofēder se comprisse. Ca se gente achassem e os quisessem filhar/ o sseu principal remedyo serya os pees dos cauallos [...] E bem mostraram aquelles moços no cometymento daquelle feito queiandos homeēs ao dyante seryam/ Ca pero fossem tā alongados de sua terra nom sabendo quaaes nē quantas gentes acharyam⁶²

Três capítulos adiante, no episódio sobre como Antão Gonçalves foi feito cavaleiro, diz:

Antre aquelles dez que já dissemos que erā cō Nuno tristam. auya huū Gomez vinagre moço de boa geeraçō criado na camara do Iffante. o qual mostrou ē aquella pelleia/ queianda sua força ao dyante serya pelo qual ao despois foé posto em hōrado acrecentamento.⁶³

61 Ibidem, cit., pp. 56-57.

62 Ibidem, cit., p. 56.

63 Ibidem, cit., p. 68.

Na primeira passagem o verbo mostrar expõe que apesar do perigo, os dois jovens portugueses não se deixaram levar pelo medo e exploraram as terras desconhecidas praticamente sem qualquer instrumento de defesa, sem o apoio dos demais e sem saberem quantos homens infiéis encontrariam. Devido a este esforço pessoal e dedicação ao serviço conseguiram vencer os inimigos e exibir as suas virtudes. Já na segunda citação, observa-se o exemplo de mais um jovem corajoso que, como vem de uma linhagem honrosa, também é capaz de se comportar conforme a expectativa social. E, mais uma vez, o seu esforço é recompensado pelo rei, pois recebeu as honras e ainda foi mencionado na crónica (materialização da sua memória). Entre estas palavras encontra-se, novamente, um elogio ao Infante, dado que o jovem foi criado na sua casa, onde recebeu uma formação excepcional que o moldou num cavaleiro exemplar. Zurara salienta este ponto, uma vez que ele próprio foi educado nessa Casa e, por isso, consegue reconhecer a singularidade da educação promovida pelo Infante. Por isso, esta conotação pedagógica reforça o prestígio quer do Infante quer da Casa de Avis em relação aos outros aristocratas, seus opositores.

5. Conclusão

A *Crónica dos Feitos da Guiné* já foi alvo de vários estudos, contudo, esta dissertação visa analisá-la a partir de uma nova perspetiva, principalmente no que diz respeito às abordagens sobre a memória. Tal como referido, não é do interesse desta pesquisa argumentar contra teses de outros autores, mas sim trabalhar em conjunto com essas para uma complexificação do conhecimento sobre esta crónica. Conhecer mais intimamente a percepção sensorial de Portugal do século XV, para assim tentar conhecer a realidade portuguesa a partir de uma nova perspetiva.

A história dos sentidos é um campo de estudo em crescimento na historiografia portuguesa, mas que internacionalmente já conta com várias obras. Acredita-se que a expansão dos estudos sensoriais aplicados em mais fontes primárias do país seja uma mais-valia para o conhecimento histórico, uma vez que pode fornecer informações sobre história das mentalidades, do quotidiano, do imaginário e da memória, por exemplo. O estudo das paisagens sensoriais nas cidades portuguesas, nas cerimónias ou em outras obras literárias seriam estudos interessantes, uma vez que a sensação parte de um elemento cultural pelo qual se revelam os valores e práticas da sociedade a que pertence.

Este trabalho apresenta uma proposta de investigação que se encontra a decorrer e, por isso, não é possível avançar com mais argumentos e resultados. Apenas se explicita sobre as suas aspirações e algumas considerações obtidas.